

A. Ponchielli

LA GIOCONDA

BIBLIOTECA · CAPRONI



SALA T

SCAFFALE 6

59418

FILA 1

A GIOCONDA

MELODRAMA EM QUATRO ACTOS

DE

TOBIA GORRIO

MUSICA DE

A. PONCHIELLI

PROPRIEDADE DO REAL ESTABELECIMENTO

TITO DI GIO. RICORDI

MILÃO

PERSONAGENS

GIOCONDA, cantora.	<i>Soprano.</i>
LAURA ADORNO, genoveza, mulher de.	<i>Meio-soprano.</i>
ALVISE BADOERO, um dos chefes da Inquisição.. ...	<i>Baixo.</i>
A CEGA, mãe de Gioconda... ..	<i>Contralto.</i>
ENZO GRIMALDO, principe genovez... ..	<i>Tenor.</i>
BARNABA, cantor popular	<i>Baritono.</i>
ZUANE, regatante... ..	<i>Baixo.</i>
UM CANTOR... ..	<i>Baixo.</i>
ISÉPO, escrevente publico.	<i>Tenor.</i>
UM PILOTO	<i>Baixo.</i>

COBOS

Arlequins — Trabalhadores do arsenal — Senadores
Cavalheiros — Damas — Mascarados — Povo — Marinheiros — Grumetes
Frades — Cavalheiros da companhia de *Calza* — Cantores

COMPARSAS

Maceiros — Escudeiros — Trombeteiros — Dalmatas — Moiros
O grande chanceller — Um regatante
O Conselho dos Dez — Seis caudatarios — Um capitão — Um contra-mestre
Um servo moiro — O Doge

BAILADOS

Acto I, A Furlana. — Acto III, A dansa das Horas

VENEZA, SECULO XVII

A GIOCONDA

ARGUMENTO

O assumpto d'esta opera liga-se mais ao phantastico que ao verdadeiro. N'ella campeia garrido o mais requintado romantismo; succedem-se as scenas dramaticas e as situações de commovedor effeito, constituindo tudo um espectáculo que não carece de interesse. A historia da republica de Veneza, d'essa encantadora cidade que se proclamava orgulhosamente a *rainha dos mares*, prestou assumpto para obras colossaes a mais de um poeta distincto, os quaes, aproveitando tão rico manancial, deram relevo aos factos mais tenebrosos e terriveis, não desdenhando egualmente os nobres exemplos de valor e cavalheirismo.

Em tudo isto abunda o melodrama que vamos extractar.

A *Gioconda*, ou seja a *alegre cantora*, é uma mulher do povo, que ganha a vida cantando nas ruas e praças da cidade, mas que, nada obstante, possui uma alma generosa, um coração apaixonado e elevados sentimentos, que a nivelam com as heroínas da antiguidade, como vae ver-se.

ACTO I

A bôcca do leão

Os pateos que rodeiam o palacio ducal estão preparados para uma festa popular. Vê-se ao fundo a formosa escada dos Gigantes e o peristylo do templo de S. Marcos. A um dos lados está o escriptorio d'um escrevente publico. Na respectiva parede vê-se a historica bocca do Leão, encimada por estas palavras, escri-

ptas em letras negras sobre uma lapide de marmore : *Denuncias secretas por via inquisitorial contra qualquer pessoa. Impunidade, segredo e recompensa.*

E' uma noite formosa de primavera. O povo accorre alegre e buliçoso. Barnaba, com uma viola a tiracollo, está encostado a uma columna e observa attentamente, na sua qualidade de espião secreto, os movimentos do povo. Uma sineta dà o signal para começar a regata. Correm todos á margem para presenciarem o espectáculo. Aparece Gioconda, conduzindo sua mãe, velha e cega. E' n'ella que Barnaba fita os seus olhares lascivos. Approxima-se-lhe e declara-lhe o seu amor; mas Gioconda repelle-o, o que provoca ao vil espião um cruel desejo de vingança, escolhendo logo para alvo das suas maldades a pobre cega que, assustada pelos gritos de sua filha, roga a Deus que a salve do perigo que a ameaça.

Reapparece a multidão, trazendo em triumpho o vencedor da regata. Entre o povo vem Zuane, que fôra vencido no certamen festivo. Barnaba faz-lhe crer que o motivo porque não ficou victorioso, foi por aquella velha, cega e bruxa, lhe ter enfeitado a barca. A calumnia espalha-se pelo povo que, indignado contra a cega, insulta-a e quer lançal-a ao fogo. A Gioconda supplica, mas debalde. A multidão, incitada por Barnaba, redobra de ira.

Aparece Enzo, disfarçado em marinheiro dalmata, e consegue, com a sua attitudo firme, dominar o tumulto. Gioconda, grata ao beneficio que Enzo acaba de prestar a sua pobre mãe, concebe por elle uma paixão profunda. Atrahidos pela vozearia, Alvise e Laura sahem do palacio, seguidos de brilhante séquito de guardas, damas, cavalheiros e membros do Conselho. O povo repete a accusação contra a cega, insistindo em que seja lançada á fogueira. As supplicas da desolada Gioconda e a intercessão de Laura fazem com que Alvise se compadeça da infeliz cega, e a livre do furor popular, a despeito das insinuações de Barnaba. Grata ao socorro de Laura, a pobre velha offerece-lhe o seu roزاریo, pedindo-lhe que o conserve como um talisman.—Os olhares de Enzo fitam-se significativamente em Laura, ao ouvir-lhe a voz, pois que não pôde ver-lhe o rosto, occulto por uma mascara, e ella mostra-se commovida logo que o reconhece. Ao receber o roزاریo, Laura quer ajoelhar aos pés da cega, mas Alvise não lh'o permite, offerecendo com altivez á Gioconda uma bolsa de oiro.

Todos se dirigem ao templo, sendo Enzo o ultimo a entrar. Barnaba toma-lhe o passo, saudando-o como merece o «principe

Grimaldo de Santafore. Enzo, surprehendido, pergunta-lhe : «Quem és tu?» — «Sei tudo (responde-lhe Barnaba). Nasceste em Genova e descendes d'uma familia illustre. Foste proscripto de Veneza, mas um desejo ardente te impelle a affrontar a morte ; amaste uma donzella do teu paiz ; o fado, porem, condemnara-a a ser esposa de outro homem. Mais de uma vez a tenho visto debulhada em lagrimas, implorando o auxilio do céu. Badoero tem de passar esta noite no palacio ducal ; se quizeres, comprometto-me a levar Laura ao teu navio.» Enzo mostra-se admirado de ouvir taes palavras, e de novo pergunta : — «Mas quem és tu?» Barnaba desembuca-se e deixa ver no peito estas lettras, doiradas : C X, dizendo : — «Sou o poderoso demonio do Conselho dos Dez. Volta para o teu paiz ; faze-te de vela, logra os teus desejos.» Enzo obedece ao seu infernal protector, não deixando, porém, de amaldiçoal-o. Barnaba sorri-se. Chama Isépo, escrivão publico, e ordena-lhe que escreva o seguinte : «Ao Chefe occulto da Inquisição. Tua esposa fugirá esta noite com o marinheiro Enzo n'um bergantim dalmata.»

Gioconda, que n'este momento apparece com a mãe á porta da igreja, ouve aquellas palavras e de novo se recolhe no templo, muito agitada. Depois de terminada a denuncia, Barnaba lança-a na *bocca do leão*.

Entra uma mascarada, seguida de muito povo, e recomeçam as danças e os cantares. O sino annuncia a oração da tarde, e todos ajoelham. Gioconda atravessa tristemente por entre a multidão, que entoia um cantico religioso. Cahe o panno.

ACTO II

O Rosario

Estamos na praia d'uma ilha deserta, nas aguas de Fusina ; um bergantim está atracado á margem. O céu mostra-se carregado, mal se entreveo a claridade da lua atravez das nuvens. —No primeiro plano vê-se um altar da Virgem, alumiado por uma lampada.—O navio tem o seu nome escripto na proa : *Hécate*, e na tolda vêem-se algumas lanternas accesas.

Os marinheiros formam differentes grupos, entoando uma *marinaresca*, com auxilio de businas.

Apparece Barnaba, vestido de pescador, com uma rede no braço e acompanhado por Isépo. Introduzindo-se no navio, pôde verificar que a tripulação se compõe de uns oitenta homens, e que tem apenas duas peças de pequeno calibre. Ordena então a Isépo que vá preparar a escolta que deve apparecer opportunamente. Toma parte na alegria dos marinheiros, espiando-os, e sahe sem ser notado.

Apparece Enzo, junto com o piloto e o contramestre; observa o céu e dá algumas ordens para a proxima partida; entretanto diz á marinagem que vá descansar, que elle só ficará de vigia. Pouco depois ouve-se uma voz gritar: «Ó do navio?...» E' Barnaba, conduzindo Laura, a qual cahe nos braços de Enzo, em quanto Barnaba se afasta, dizendo: «Boa fortuna!»

Enzo vae preparar a fuga. Laura fica só, orando diante da Virgem. Similhante a mysterioso phantasma, apparece Gioconda, com mascara no rosto. Laura mostra-se assombrada ao vel-a. Segue-se um dialogo animadissimo entre as duas rivaes. Gioconda ameaça Laura com um punhal; Laura implora o soccorro do céu, tirando do seio o roزاریo que lhe offertara a cega. Vendo o roزاریo, Gioconda estremece; arroja o punhal, conduz Laura á margem, tira a mascara e põe-lh'a no rosto. Á sua voz acode uma barca, na qual Laura foge, salvando-se de ser surpreendida pelos que veem em sua procura, isto é, Barnaba e os seus sequazes, os quaes, vendo ainda a fugitiva, mudam de rumo em sua perseguição. Gioconda exclama: «Está salva! Ó minha mãe, é por amor de ti!...

Enzo desce do navio, chama Laura, mas só encontra a Gioconda. Esta diz-lhe que Laura lhe é infiel, que foge d'elle, e mostra-lhe a gondola que a conduz; acrescenta que o denunciaram ao Conselho dos Dez e que o espera a morte. Roga-lhe que fuja para longe de Veneza e de Laura; mas Enzo não a attende, deliberando-se a ir ao encontro da sua amante, victima d'uma traição. Ouve-se um tiro de peça. Os marinheiros accorrem pressurosos com archotes, gritando: «As galés! Salve-se quem poder!» Enzo, no auge do desespero, agarra n'um archote, e lança fogo ao navio, que se incendeia e se submerge. Enzo exclama: «Somos perseguidos!... Laura! adeus!...» Desapparece por entre o fumo do incendio. Gioconda, contemplando aquelle quadro, exclama tambem: «Sempre Laura!... Que ao menos eu possa morrer ao teu lado!...» Cahe o panno.

ACTO III

A casa de Oiro

Sala rica. E' noite e a scena está alumiada por uma lampada. Vê-se a um dos lados uma armadura antiga.

Alvise avança vagarosamente, meditando no castigo que deve dar a sua esposa. Os lamentos da culpada devem confundir-se com o ruido das danças e da orgia.

Entra Laura, sumptuosamente ataviada e adornada com preciosas joias. Alvise declara-lhe a pouco trecho que conhece a sua traição e que será castigada com a morte. Em vão supplica a infeliz, appellando para a piedade do seu nobre coração. O esposo offendido mostra-se inexoravel. Leva-a violentamente até uma das portas, para que veja o ataúde onde deve exhalar o ultimo suspiro e o sacerdote que a espera. Este tragico dialogo é cortado por uma barcarola cantada na lagôa.

Alvise apresenta um frasquinho de veneno, e profere esta terrivel sentença: «Ouves aquella canção? antes que termine a sua ultima nota deve ter acabado a tua existencia!» Assim dizendo; sahe. Gioconda apparece então e arranca das mãos de Laura o frasco de veneno, substituindo-o por outro que encerra um narcotico. Laura vacilla; mas ouvindo a canção quasi a terminar, decide-se e bebe o narcotico que deve salvá-la. Entra na camara mortuaria que lhe tinham preparado, em quanto Gioconda occulta o veneno de Alvise, pondo sobre a meza o frasquinho esvasiado do narcotico. Em seguida desaparece rapidamente.

Ao extinguirem-se as ultimas notas da serenata, Alvise entra, encontra o frasco vazio, vae contemplar Laura, que está inerte sobre o catafalco, e exclama ao afastar-se: «Está tudo acabado!» Apparece de novo Gioconda, corre a cortina da camara mortuaria, e, contemplando Laura, exclama com um mixto de raiva e dôr: «Ó minha mãe! por ti refreei o impeto dos meus zelos, e agora completo o meu sacrificio! Salvo-a por tua causa, restituindo-a ao homem que a ama e me despreza!...»

Mutação de scena. — Salão sumptuoso preparado para uma grande festa. As portas têm ricos reposteiros, communicando uma com a camara mortuaria de Laura.

Grande numero de damas, cavalheiros, senadores, nobres e

mascaras invadem a sala. Alvise faz as honras da festa e manda começar as danças.

Gioconda está entre a multidão. Enzo apparece tambem, mas disfarçado. Entra Barnaba, arrastando a cega e declarando que a surprehendeu no interior do palacio a effectuar as suas bruxarias. Ouve-se o som lugubre de um sino. Barnaba chama de parte Enzo e diz-lhe: «E' Laura que está a expirar.» Enzo, no auge do desespero, arranca a mascara e desafia os juizes que o tinham proscripto. Entretanto Barnaba diz á Gioconda: «Eis a minha obra. Ainda teimas em não acceder aos meus desejos?» Gioconda responde-lhe; «Salva Enzo e faze de mim o que quizeres.» Barnaba aceita com infernal alegria.

Alvise chama a attenção dos convidados, dizendo: «Ides ver como acaba este festim. A mulher que foi minha esposa deshonorou-me ignominiosamente. Eis como vinguei a affronta!...» Corre o cortinado, patenteando o lugubre catafalco de Laura. Enzo precipita-se de punhal na mão contra Alvise; os guardas, porem, seguram-no e levam-no preso. Gioconda segue-o. Barnaba faz sair a cega por uma porta secreta. Alvise contempla impassivel a sua obra em meio da consternação geral.—Cahe o panno.

ACTO IV

O Canal Orfano

A scena passa-se na ilha chamada da *Giudecca*, no atrio d'um palacio arruinado. No angulo da esquerda vê-se uma cama por detraz d'um biombo. Pela larga porta do fundo vê-se a lagôa e a praça de S. Marcos illuminada. Na parede está a imagem da Virgem e uma cruz. Diversas peças do vestuario com que Gioconda costuma cantar as suas canções, estão espalhadas por sobre os moveis. Em cima da meza: um punhal, um frasco de veneno, uma lanterna e uma lamparina accesas. Á direita da scena corre uma rua comprida e escura.

Gioconda, d'antes a alegre cantora, está mergulhada em sombria meditação.

Entram dois homens, trazendo Laura nos braços. Gioconda diz-lhes que a deponham sobre a cama, e roga-lhes depois que vão procurar a sua pobre mãe e que a conduzam a Canareggio.

Profundo silencio. Gioconda contempla o veneno e o punhal. Passa-lhe pela idéa o desfazer-se impunemente da sua rival feliz, assassinando-a e lançando-a ao canal. Vacilla entre os zelos e a compaixão. Proxima a deixar-se arrebatado pelos impulsos da colera, detem-se ao ouvir uma voz dizer ao longe: «Ó da gondola! Que ha de novo?» e outra que responde: «Cadaveres no canal Órfano.» Gioconda recua horrorizada. Aparece Enzo, que lhe confessa dever-lhe a liberdade e as armas que traz. «Que queres de mim?... pergunta-lhe. Gioconda responde commovida: «Quero que vivas, quero tornar o mundo um paraíso para ti!» Gioconda em vão se esforça para vencer a indiferença de Enzo, que só pensa na sua adorada Laura. A tal ponto sobe o seu desespero, que chega a ameaçar Gioconda com o punhal, julgando-a auctora da morte de Laura; n'esse instante, porém, Laura desperta do seu lethargo e pronuncia o nome de Enzo. Este corre para o sitio d'onde partiu a voz, e em breve os dois amantes se enleiam n'um abraço ardente. Laura confessa que deve a sua salvação á pobre Gioconda, diante da qual ambos se ajoelham.

Um côro ao longe repete a serenata. Gioconda diz-lhes que tudo está preparado para a sua fuga; dá na frente de Laura o beijo da despedida e os dois amantes partem.

Pausa.—A infeliz só na morte encontra consolação. Lembrando-se da promessa que fez a Barnaba, o seu terror augmenta. Ajoelha ante a imagem da Virgem e supplica-lhe que a livre do seu diabolico perseguidor.—N'este momento apparece Barnaba e reclama o cumprimento da promessa. Gioconda não nega o pacto, mas quando Barnaba julga chegado o momento do seu triumpho, ella diz-lhe, affectando serenidade: «Prometti-te o meu corpo, satanaz; ahi o tens!...» E crava o punhal no coração, cahindo moribunda. O infernal espião, para que seja mais cruel a agonia de Gioconda, diz-lhe ao ouvido: «Tua mãe está morta... As minhas mãos a afogaram e a lançaram ao canal! Morres condemnada!» Desapparece por entre as sombras da lugubre rua, e o panno desce.

F I M

